

EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE SABEM E PENSAM AS PROFESSORAS?



COSTA, Ana Claudia Magaton;
PEREIRA, Lorrane Barbosa da Silva.
ARAÚJO, Ludmilla Carneiro – ORIENTADORA



PEDAGOGIA

INTRODUÇÃO

A escola é um local onde as crianças passam boa parte da vida, até a adolescência. Ainda que muitas pessoas pensem que a sexualidade seja um assunto a ser tratado apenas pela família, pesquisas mostram que a escola, da mesma forma, pode auxiliar a criança, já que muitos pais têm dificuldades em falar sobre isso com os filhos e também são altos os números de casos de violência sexual envolvendo familiares (GONÇALVES et al 2013).

Acredita-se que a escola deva tratar esse assunto de uma forma que envolva todos os alunos e não apenas pensando sobre a reprodução, pois os que não se identificarem com o que foi apresentado pela professora podem se sentir excluídos, levando em conta sua orientação sexual. Porém, segundo Dinis e Asinelli-Luz (2007, p.6) “não cabe à educação “orientar” a sexualidade, pois a orientação sexual do sujeito é uma construção histórico-cultural, resultado de suas vivências singulares, que devem ser respeitadas pela escola”.

Diante disso, faz-se a seguinte pergunta: O que sabem e pensam as professoras sobre a Educação sexual? Este trabalho tem como objetivo analisar o conhecimento e o pensamento de algumas professoras do Ensino fundamental sobre a Educação sexual.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa quali-quantitativa realizada por meio de um questionário na plataforma Google Forms, para cinco professoras atuantes no ensino fundamental I, duas da cidade de Ubá-MG e três de Astolfo Dutra-MG, com idades a partir de 20 anos e que lecionam em turmas do 1º ao 6º ano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As professoras responderam diversas perguntas. Quando perguntadas sobre o que elas entendiam por educação sexual, as respostas variaram, mas três delas diziam quase mesma coisa, demonstrando acreditar que foco está na reprodução, como relatado fala de Joelma “*É a anatomia, a psicologia comportamental e a reprodução humana*”. Já Laís entende educação sexual como sendo “*um tema de extrema importância que deve ser debatido e levado às salas de aula, pois busca esclarecer questões que vão muito além do sexo, como o conhecimento do próprio corpo e a como cuidar dele...*”.

A resposta de Laís é condizente com a ideia de Teifke e Polinarski (2014), que dizem:

“O Educador tem papel importantíssimo no processo de orientação e mediação, não apenas em relação a prevenção, uso de preservativo ou anticoncepcionais, mas principalmente no resgate do indivíduo enquanto sujeitos de suas ações, o que favorece o desenvolvimento da cidadania, do respeito, do compromisso e do cuidado com o seu corpo e com o corpo do outro.” (TEIFKE E POLINARSKI, 2014)

Quando questionadas sobre qual época elas acham importante falar sobre educação sexual, ficaram divididas entre o 3º ao 6º ano, apenas uma acredita que a partir do 1º ano já é possível abordar sobre essa temática, corroborando com o que fala a BNCC sobre a necessidade de conhecerem e saberem cuidar de seus corpos desde os anos iniciais.

Conforme as repostas, as professoras acreditam que as escolas devem sim oferecer aulas sobre educação sexual, e a explicação de Aline a respeito do porquê ela pensa que essas aulas devem ser aplicadas engloba o pensamento de todas elas:

Muitos alunos não têm ninguém em casa que os oriente sobre isso, e sendo trabalhado na escola, é possível evitar diversos problemas, conscientizando as crianças e adolescentes sobre assuntos relacionados a doenças, cuidados, métodos de proteção, gravidez, abuso sexual, entre outros. (ALINE)

Ao serem perguntas sobre como trabalham o tema em suas classes, foi observado que elas não aprofundam o assunto, como relatado na fala de Tina “*Eu trabalho de forma superficial. O básico para a idade. Acho que o assunto é bem complicado e requer muito preparo dependendo do tema*”,

Laís também fala que trabalha apenas de forma superficial, seguindo o regimento da escola, porém a professora Anjo Alegre pensa que pode ser abordado de forma mais leve havendo interação dos alunos, “*Através de conversas e debates, e principalmente mostrando como é a dinâmica de funcionamento dos seus corpos*”. Todavia essa resposta mostra que mesmo de forma mais tranquila as professoras não conseguem aprofundar sobre o tema com os alunos. Segundo Rufino, Pires, Oliveira, Souza e Souza (2013) trabalhar conteúdos que rodeiam este tema e suas especificidades na escola é considerado delicado e difícil pelo fato de os professores não receberem informações suficientes em sexualidade na sua formação.

Foi perguntado sobre o que elas acham mais importante abordar nas aulas de educação sexual, Laís e Tina acreditam que é o abuso sexual, Aline concorda, mas acrescenta outros temas em sua lista de coisas importantes como: sexualidade, cuidados e higiene com o corpo, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. Anjo Alegre e Joelma tem o mesmo pensamento relacionado a sexualidade do outro, “*Atualmente com toda informação que dispõe os nossos alunos, devemos focar na sexualidade devido a homofobia e desrespeito que muito me preocupa*”. (JOELMA). Reforçando a ideia de Joelma sobre usar a educação sexual para trabalhar o preconceito, Souza, Silva, Sousa e Rocha (2020) afirmam que:

A incorporação da Educação Sexual nos currículos escolares e acadêmicos incitaria a desconstrução de preconceitos e discriminações ao articular as dimensões socioculturais de sexualidade, corpo e gênero, valorizando o diálogo entre distintos grupos sociais e campos do saber, por meio de questionamentos e problematizações[...]. (Souza et. Al, 2020)

Tendo em vista as repostas das professoras na pesquisa, é possível observar que a falta de capacitação sobre essa temática causa uma defasagem em seu ensino, já que ainda visam muito a reprodução, anatomia, gravidez, doenças e métodos contraceptivos.

CONCLUSÃO

Conclui-se que haverá uma melhora nas aulas e melhor compreensão sobre a educação sexual apenas quando os professores receberem um bom preparo para abordar o tema de maneira ampla, correta e inclusiva. Visto que a Educação sexual é um tema transversal e que pode ser trabalhada dentro de várias disciplinas, levando em consideração não apenas a vida reprodutora e sexual, mas em todos os aspectos da vida humana.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural**. 2007, p 6.
- GONÇALVES, R. C. FALEIRO, J. H. MALAFAIA, G. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios**. HOLOS, Ano 29, Vol. 5. 2013.
- MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Sexualidade e gênero na atual BNCC: Possibilidades e limites**. Pesquisa e Ensino, Barreiras (BA), Brasil. v. 1, e202011, p. 1-24, 2020.
- RUFINO, Camila Borges; PIRES, Laurena Moreira; OLIVEIRA, Patrícia Carvalho; SOUZA, Sandra Maria Brunini; SOUZA, Márcia Maria de. **Educação Sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 out/dez;15(4):983-91. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i4.19941>. doi: 10.5216/ree.v15i4.19941.
- SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Elânia Francisca da; SOUSA, José Felipe Alves; ROCHA, Eugebia Paula da. **O preço do preconceito nos ‘couros’: (des)construções acerca da educação sexual na escola**. Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura, Florianópolis (SC), v. 4, n. 1, jan./jun. 2020.
- TEIFKE, Aline Lilian Prestes; POLINARSKI, Celso Aparecido. **ADOLESCÊNCIA E VALORIZAÇÃO DO CORPO: a importância do trabalho sobre sexualidade na escola**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, Artigos. 2014.